

Viana na biblioteca



É um caixote. É arquitetura. Tá engraçado. Tá espectacular. Parece que vai cair. Cheira bem. Tirou as vistas. Tem umas vistas muito boas. Tem praticamente a luz do dia. É Siza em Viana do Castelo, ou seja, Viana do Castelo no mundo. Uma biblioteca para todos. *Alexandra Lucas Coelho (texto), Paulo Pimenta (fotos)*

• Siza tem aqui um desafio: Maria de Fátima. As portas vão abrir, está a quase, e ela com o seu cartão de leitor à espera, um pé à frente, outro atrás. O da frente encifa no presidente da câmara: "Ovo! o novo presidente elegerá tanto este período que é a curiosidade que hoje aqui me tira." O do trás desce de "siza: "Embora seja um projectista muito famoso, acho que estes caixotes descaracterizam a nossa cidade." Maria de Fátima é franca: "Eu chamo-lhe caixotes." Claro que a hora a que falamos, as umas 10h, "este caixote" já deve estar a ser dissecado de São Paulo a Tugueiros, onde mais algum crente poderá ir deitar para a porta do andar de above-lua até que o mestre de obras trabalhe.

Viana do Castelo entrou no caminho das estrelas e qualquer devoto de arquitectura vai querer pôr as mãos na cabeça sobre a qual se ergue, assente em dois grandes pilares, a primeira biblioteca pública desenhada por Siza. Ou seja, agora, por um momento, de bom grado trocaria de lugar com Maria de Fátima, 63 anos, "feligreja da Foto Néta", a vontade em tudo menos no digital - "para plus cretina, mas já é tarde, não tenho paciência para aprender computadores".

Antes apresentada, o melhor é ir esperar com ela, que vem sem água quente e para levar mesmo algum livro, anda que só tendo a quarta dose. Já era sócia da biblioteca antiga, lá em cima junto à câmara, continuava aqui, na margem de Lima. "Hoje vou levar um livro sobre saúde, o que me aparece, tenho leituras muito diferentes, até já li a nossa Constituição", anuncia, aproximando-se da porta onde há muito quem espera. Nossos primeiros dias, a biblioteca abre apenas das 10h às 19h para que de manhã se possa continuar a pôr livros nas estantes. Quem está virado para a porta da biblioteca, tem atrás de si o cenário histórico: trilhões vermelhos, paredes brancas, varandas de ferro forjado, janelas de gualbotina - e o rio adormecido ao pé do rebordo. É como se o edifício fosse a paisagem da cidade para a água.

Se Maria de Fátima fala em "caixotes", no plural, é porque à direita da biblioteca estão dois edifícios projectados por Fernando Távora, que se seguirá o futuro colégio desenhado por Eduardo Souto Moura - tudo isto ao longo do rio, onde a parte mais nobre da cidade tem desenhado, desce desde a colina. "Fui contra estas construções porque não têm nada a ver com Viana, tiraram-nos a nossa paisagem, o nosso rio Lima", lamenta a bibliotecária. E o seu pé atrás. O outro tem uma esperança: "O presidente da câmara disse que lá dentro a luz está fantástica. Eu vou lá ver para ver, como São Tomé."

É neste rio que em frente da talde biblioteca sem parar, vindo agora uma água-luzada e depois o mesmo azul do Lima. A biblioteca é um remanso pelo caminho do rio, tal como lá fora é arrebatada pelo rio. "Tá bem, certo", anuncia Maria de Fátima. "Quer dizer, quando lá entro a ser construído houve uma revolta muito grande. O trabalho vincente sentiu-se quase desiludido com esta construção frente à nossa cidade-relevo. Para nós, era uma aberração."

Debraço-se para ler as letras à entrada de uma sala cheia de puff e bonecos, a biblioteca. Maria de Fátima medita e depois conclui: "Quando os pais não lêem livros aqui os bebés." Não. Como explicou o director Rui Viana ao P2, a ideia é que os pais se ponham eles próprios aqui com os bebés. Na sala dos periódicos, que dá para o rio, um velho livro ou boneco no parapeito e vá lá. Maria de Fátima entra de uma gradiente "Tempos de ser Deus

- a espiritualidade escumbria de Agostinho da Silva", obra de Paulo Borges, e embora não comença nem o investigador nem o investigado fica tentado. "Francamente, sinto-me bem aqui dentro." É para para "legitimar" o empreitismo. A seguir aos periódicos há mesas individuais à janelas, entre estantes. São filas de grande intimidade e, a esta hora, ilhas de luz poente. Para alguns como o estudante António Correia, que nem de Viana, tem aulas no Porto, mas vive

"experimentar" a biblioteca e está a ligar o seu portátil, só falta que o wifivulcanice. Ainda não. E o espaço? "Tá engraçado", comenta. "Mas não sei se depois não vai ser pequeno. No Porto, a biblioteca do Palácio de Cristal está sempre a cheia." Maria de Fátima volta para se despedir porque já acabou a hora de almoço e tem que ir deitar a Foto Néta. Agora já temos aqui um passe para o computador, mas como não ser menor...

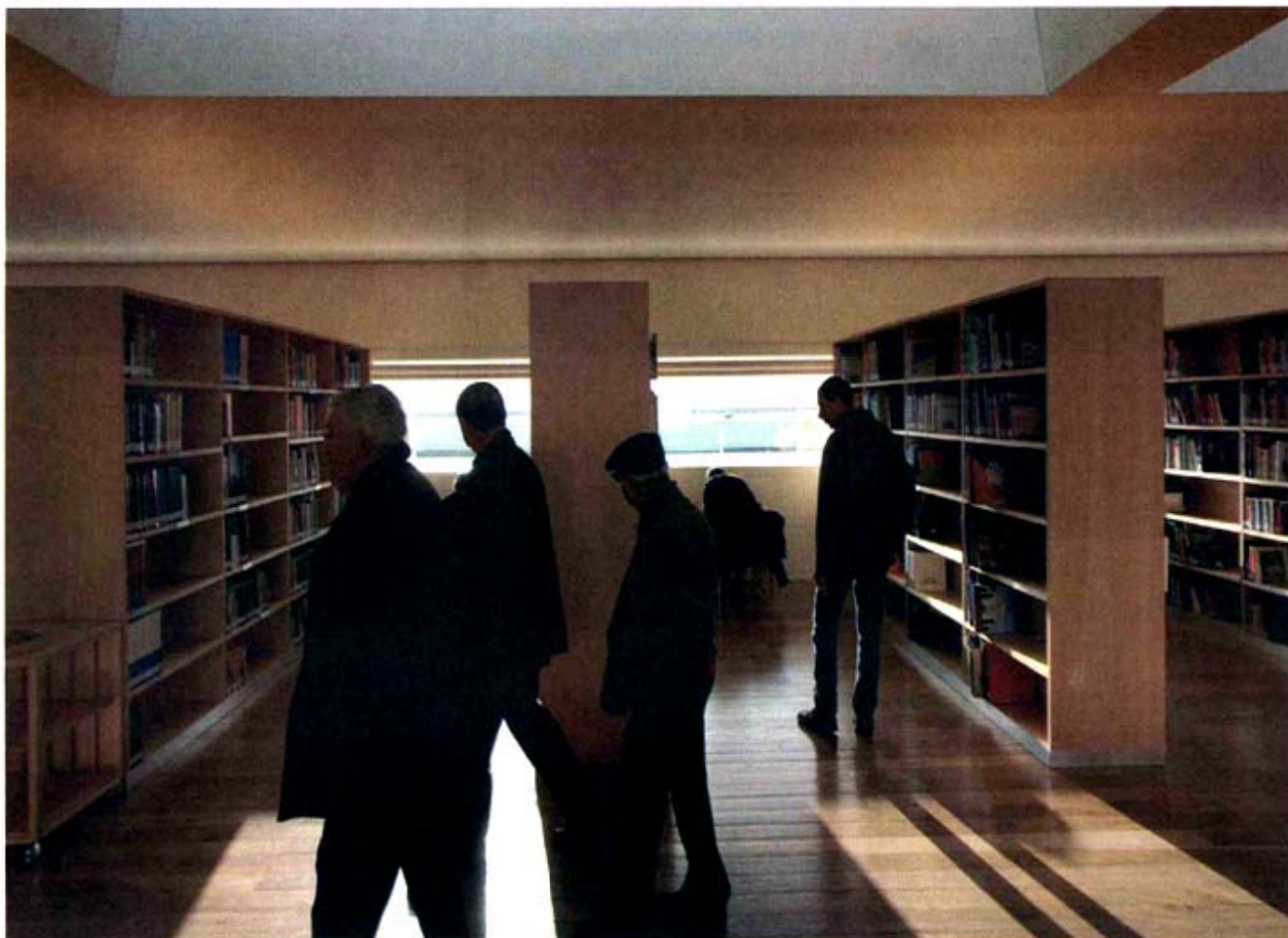
Um magre adolescente de jeans acamada se nos exclui de pesquisa. No canto onde, com uma diáxia de computador disponível, Alexandre Pereira, estudante de turismo, tem o seu grill aberto. Tão vianense como Maria de Fátima, tem que entrar falar em caixotes. "Isso é arquitectura!"

Do Natário à residencial. É o centro da cidade, que diz? Por exemplo, no café Natário - há vários, mas o criativo é o Manuel Natário, made e preciso o comer uma empada de pão - o empregado tem, 57 anos, acho que "aquilo tira a vista à cidade", e aquilo é a biblioteca. Já o gerente João Domingues, 49 anos, pensa que "é uma coisa incrível" e pergunta: "Como é que tira a vista? Não tira nada. Só para aqueles que lá moram." Ora bem. Voltando à marginal, mesmo em frente à biblioteca mora por exemplo a Residência Jardim Primavera, a recepcionista Lucília diz que "as pessoas aqui não gostam da biblioteca", mas pelo sim pelo não chama a colega. "Agamília!" E agora vem em discrição: "Tu gostas?" É logo se uma designada Lucília - isto é uma zona histórica, e se não tem que manter a zona fechada, nem podemos pôr uma

janela de metal, tá ali um edifício que pode ser de uma pessoa muito importante mas tiro-nos as vistas e lá haverá, pronto. Agora - Ah, mas a arquitectura é uma coisa bonita. Gosto e até me disseram que por dentro era um sonho. Ao 1º e ao 2º andar tirava vista, mas ao 3º e ao 4º não. É na inauguração o senhor primeiro-ministro escreveu e disse que a cidade de Viana era linda. Não, a biblioteca estava a fazer muita falta, até quando lá está a União Europeia, estava lindíssima. Pronto, a gente já sabe que o sr. Siza Vieira faz umas coisas estranhas. Lucília - Mas só os dois filhos do homem quando lê a biblioteca, assim não convém. Agora - Por amor de Deus, no Porto há tanta coisa feita por ele! E em Espanha até houve uma polémica, que ele queria e não deixaram. Pronto, cada um é como cada qual.

Baptismo de pontapé. Na rua por baixo da biblioteca, junto a um pilar com uma escada que termina num pequeno espelho de água, três adolescentes dão pontapé na obra de Siza. "Estávamos a baptizar o edifício", explica Siza, 17 anos. As outras





“O arquitecto Siza até agora só tinha feito bibliotecas universitárias, esta é a primeira de leitura pública, mais para lazer”, diz o director. Já há uma relações públicas para as visitas que vêm aí

são Tânia, 18, e Rafaela, 19. Andam no 12º ano profissional e vivem em Areosa, Carreço e Ancora, arredores de Viana.

Sofia - Foi mesmo de propósito, os chutos na água, que era para baptizar. Isto é uma coisa de artistas. Isto é a escada para a água, no fim da qual, aliás, alguém resolveu acrescentar uma tábuia extra-Siza. E o resto da biblioteca?

Tânia - A principio não nos parecia nada, mas agora é espectacular.

Rafaela - Simples.

Sofia - Mesmo simples.

Tânia - E é a arquitectura do Siza Vieira, que dá sempre a impressão que alguma coisa vai cair.

Cair?

Tânia, apontando para o andar suspenso por pilares - Pelo que um professor nos disse, isto é betão. É o que faz o sustento. Esta parte está apoiada mas parece que vai cair.

Sofia - Há uma ligação entre a biblioteca e o espaço exterior. É como se fosse o mesmo espaço.

Rafaela - Dá uma sensação de paz.

Tânia - Temos de começar a evoluir, também. É uma coisa que faz falta, uma biblioteca grande, que dê para as pessoas pensarem. Por

exemplo, uma pessoa que goste de escrever, senta-se na esplanada e escreve uma obra.

O antigo está antigo

Voltando a entrar na biblioteca, ao primeiro piso sobe agora Clotilde Barbosa, “nada e criada em Viana”, chefe de secção aposentada, 65 anos e nem por isso conservadora: “Não vamos fazer toda a cidade à antiga. O antigo está antigo e há que partir daqui. Achei sempre que esta biblioteca não tirava a ligação entre a cidade e o rio e costume dizer que temos a nossa beira-rio muito mais bonita. Estava uma marginal terceiro-mundista, com um aparcamento de carros.” Isto, há anos. “E por dentro, então, está uma maravilha.”

Um homem apoiado em canadianas vê a exposição de manuscritos sobre Viana, avós de madeixas loutras lêem revistas na sala dos periódicos onde o boné continua no parapeito, e na audioteca juvenil um molho de miúdos e miúdas transborda de uma mesa para o chão. Têm entre 13 e 14 anos, são de Castelo de Neiva, vieram de autocarro para fazer os trabalhos aqui.

- É bonito!



- É moderno!

- É organizado!

- É enorme!

Tem mais computadores que antes!

- Tem luz!

- Tem um cheiro agradável!

- Cheira a novo!

- Tem vista para o mar!

Para o rio!

E entretanto passam dois velhotes de mãos nas costas, como no jardim, Valdemiro, 79 anos, e João,

76, ambos torneiros mecânicos reformados.

- É confortável e é lindíssima.

Tem umas vistas panorâmicas muito boas, muitas salas de leitura para os estudantes, os idosos e os pequenos.

- Nós aqui é mais para lermos os jornais e livros técnicos, ou de história da cidade, mas a arquitectura é muito boa.

- Está a ver, praticamente é a luz do dia.

E elogiam as clarabóias, as janelas.

A propósito de janelas, querem apontar uma coisa.

- O que estraga são prédios como aquele, o Coutinho.

Um edifício que sobressai pela altura de 12 andares e pelo pior.

- Isto é que furta a cidade. Acho muito bem que deitem aquilo abaixo para fazer o mercado.

Tudo Siza

Das mesas aos puxadores das portas, tudo dentro da biblioteca é Siza, e está lá o nome, Álvaro Siza, até na perninha da cadeira de bebé. Há uma grande clareza de linhas, materiais e cores, entre cada objecto e a construção. E andando em volta, a cidade e o rio vão girando pelas janelas como num caleidoscópio. “O edifício mantém o nível do

centro histórico”, acentua Rui Viana, que desde 1991 dirige a Biblioteca de Viana do Castelo. Esse alinhamento com os telhados da marginal era um dos desejos da cidade, tal como as pessoas poderem passar por baixo e ter acesso ao rio.

“O arquitecto Siza até agora só tinha feito bibliotecas universitárias, esta é a primeira de leitura pública, mais para lazer”, sublinha o director. “Entreguei-lhe um memorando com a informação sobre o pessoal e os espaços necessários e depois fomos conversando.” A biblioteca, diz “é o resultado deste diálogo” e “significa trabalhar em condições esplêndidas”.

Os participantes na cimeira da UE foram os primeiros. Sentaram-se numa grande mesa oval então posta na sala de leitura de periódicos. Mas é Siza, bem sabe este director, que põe a biblioteca a circular pelo mundo. “Ja sentimos isso durante a construção, com estudantes de vários países. Temos uma relações públicas para essas visitas.”

No Verão vai funcionar uma esplanada no primeiro piso, com vista para cidade e serra, rio e mar. Maria de Fátima nem chegou a ver o terraço, mas quanto a luz Siza já ganhou.